



Golpe de Estado a par e passo

A tensão vivida pelos «rapazes dos tanques» no Terreiro do Paço e no Largo do Carmo; na página do lado, a capa do livro e os dois autores; À direita, a imagem de Salgueiro Maia que foi rejeitada: «Ele deu uma conferência de imprensa no Carmo, antes de iniciar as operações, mas eu cheguei atrasado. E ele ficou a posar como quem diz: «Vá, faz lá a fotografia.» Mas no jornal, disseram-me: «Não se passa nada aqui, que chatice», conta Alfredo Cunha

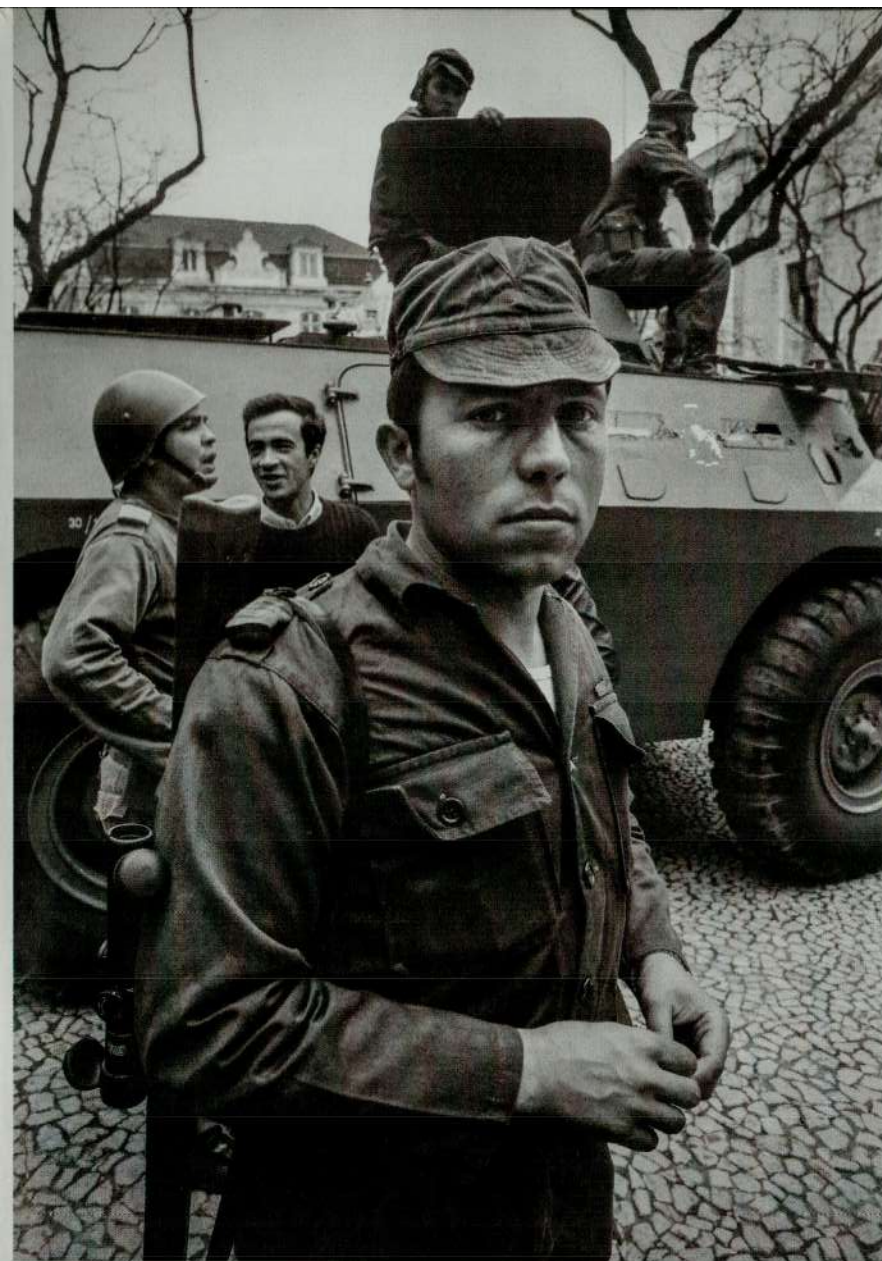
25 de Abril

A leitura continua!

Quarenta anos depois, a Revolução dos Cravos continua – se não nas praças, então nas páginas. É só olhar para as livrarias e ver os muitos lançamentos recentes sobre o tema – nas estantes da ficção, da poesia, da História ou do jornalismo. Vozes contemporâneas fazem-se ouvir bem alto, quer revelando novos factos sobre o 25 de Abril, quer olhando para o País herdado, quer inventando protagonistas que viajam ao passado português – e que bem podiam ter existido

POR SÍLVIA SOUTO CUNHA*





**OS RAPAZES
DOS TANQUES**
De Alfredo Cunha
e Adelino Gomes
Porto Editora,
200 págs., €22



‘Devia ter *fotografado* mais...’

A 7 DE MAIO DE 2013, o repórter fotográfico Alfredo Cunha deixou-se convencer pelo companheiro jornalista, Adelino Gomes, a ir, outra vez, à aldeia de Balazar. A missão era a mesma que, nos últimos dois anos, os fizera revirar arquivos em busca de um nome: descobrir José Alves Costa, o cabo apontador que, no dia 25 de Abril de 1974, desobedeceu, sob ameaça de fogo, ao brigadeiro Junqueira dos Reis, o único oficial a defender o regime na rua, que lhe tinha ordenado que disparasse sobre a coluna de Salgueiro Maia. Cunha aproximou-se de um dos homens com cerca de 60 anos, sentados à porta do café, e perguntou se ele conhecia um fulano assim e assim. «Conheço, sou eu», ouviu de volta. «Logo na primeira conversa, percebi: ‘É este o homem’», conta o fotógrafo. E escreve Adelino Gomes no prefácio de *Os Rapazes dos Tanques*: «Que esta fidelidade hierárquica [ao alferes que pedira contenção antes da chegada a Lisboa] tenha sido cumprida por um aldeão de 23 anos, com dois anos de tropa; e que, quatro décadas depois, a explique de uma forma simples, direta e de uma *naïveté* por completo alheia aos fumos míticos que envolveram o episódio, dá-nos a imagem singular, algo fernãomendespíntica, do anti-herói anónimo.»

Ex-operário na fábrica de pneus Mabor, pai de quatro filhos e avô de quatro netos, de quem os amigos desconheciam o papel no 25 de Abril, José Alves Costa só regressou a Lisboa 40 anos depois – para o lançamento deste livro. Obra de extraordinária importância histórica e de grande beleza fotográfica, o livro divide-se em duas partes: as imagens de Alfredo Cunha que documentam os momentos-chave do golpe de Estado – as «primeiras e decisivas horas» em que a história do País «esteve literalmente nos gatilhos de umas centenas de homens», lê-se; e as entrevistas e fotografias atuais de oficiais, sargentos e praças das colunas de Cavalaria que, de Santarém e Estremoz, chegaram à capital, bem como das forças de Cavalaria 7 e Cavalaria 4 em defesa do regime. Salgueiro Maia, falecido em 1992, é representado pela viúva, Natércia. Alfredo Cunha confessa que devia «ter fotografado mais». No dia 25, o fotógrafo estagiário com 20 anos foi para Lisboa de comboio, regressado de uma festa, chamado por Mário Zambujal, chefe de redação de *O Século*, sem saber se o golpe era de esquerda ou de direita. No Terreiro do Paço, começou a disparar a câmara. Sem medo – como Salgueiro Maia lhe disse para fazer, ao vê-lo meio escondido. Nesse dia, diz, «viveu o sonho». ▣

'Não tenho *papas* na língua'

PORTUGAL, A FLOR E A FOICE, o livro «maldito» de J. Rentes de Carvalho, 84 anos, visão contundente e pessimista sobre o 25 de Abril e o período revolucionário, foi agora editado – 39 anos depois de ter sido escrito

> Porque é que este livro nunca foi publicado em Portugal?

Imagine que, em 1975, depois de 40 anos de ditadura, um sujeito vem dizer que esta revolução não vai ser como as pessoas sonham. É uma blasfêmia. Se dissesse estas coisas na rua, era morto. As pessoas não têm interesse nenhum pela realidade; o que lhes interessa é a esperança e o sonho. Mesmo na Holanda, extremamente democrática, não gostaram do livro: acharam que estava a destruir o sonho por que todos dançavam, cantavam e esperavam. Na altura, eu colaborava no mais importante semanário de esquerda holandês. Pediram-me, «gentilmente»: «Deixa de escrever para nós.»

> Essa repercussão chocou-o?

Sim, porque perdi muitos amigos. Durante 20 anos, eles ficaram em silêncio. Depois, começaram a pedir desculpa: «Pois é, tinhas razão, mas certas coisas não se dizem antes do tempo. É preciso esperar...» E eu não espero, não tenho papas na língua, não devo nem temo, não tenho obrigações com ninguém.



PORTUGAL, A FLOR E A FOICE

De J. Rentes de Carvalho

Quetzal
240 págs.,
€15,50

> Hoje, já se permite críticas à Revolução?

Às pessoas que têm 30 ou 40 anos, [o livro] não lhes vai interessar; é história velha. Aqueles que têm acima dos 40 anos, uns dirão que sou uma besta, que quero matar os ideais; outros ficarão tristes, tiveram um sonho que não corresponde à realidade.

> É cáustico com todos os intervenientes...

O 25 de Abril só de maneira indireta foi feito pelos capitães. A revolução foi preparada nos anos 60, quando os senhores industriais e banqueiros sabiam que Portugal não tinha futuro se não entrasse no mercado comum. Para tal, era preciso mandar embora Salazar. Ele morreu, Marcelo Caetano foi um compasso de espera, e, depois, fez-se um folclore. Os capitães foram idealistas: eles queriam um país novo, democrático, mas viraram demasiado à esquerda. Deixaram-nos sonhar um bocadinho, e mandaram-nos embora.

> Foi tudo uma estratégia das elites?

Com certeza. Se a Revolução fosse originada apenas na ação dos capitães, ia ser diferente e discreta. Mas foi combinada por uma quantidade de gente. Duas a três semanas antes, o capital português saiu todo do País, ao ponto de os bancos estrangeiros se queixarem de que havia demasiadas notas portuguesas ...

> Elogia a luta do Partido Comunista mas não outros resistentes ao Estado Novo. Porquê?

Os militantes do PC andaram a ser torturados, presos, e esmagados desde o princípio do Estado Novo. Os outros eram uns opoitores de café, uns amadores. Não me mereciam, e não me merecem, respeito. Além disso, havia também complicitades entre o poder e a oposição. As pessoas eram amigas, cumprimentavam-se, muitos eram família...

> Chegou a Portugal nos primeiros dias pós-Revolução. Viveu-a com olhos sonhadores?

Deixei-me embalar também. O 1.º de Maio de 1974 foi inesquecível. Era a certeza de que aquela gente, mais de um milhão na Av. Almirante Reis, era um povo com uma grande esperança. Deu-nos para chorar a todos. ❏

A *síntese* que faltava

NO CALOR DA APOSTA, quando ninguém conseguia equilibrar um ovo em pé, Colombo amachucou ligeiramente a casca no seu extremo mais largo – e ganhou. Carregados de despeito, os derrotados resmungaram: «Assim também eu...»

«Se calhar, haverá agora quem passe os olhos pelo mais recente livro da historiadora e divulgadora de temáticas relacionadas com as ditaduras

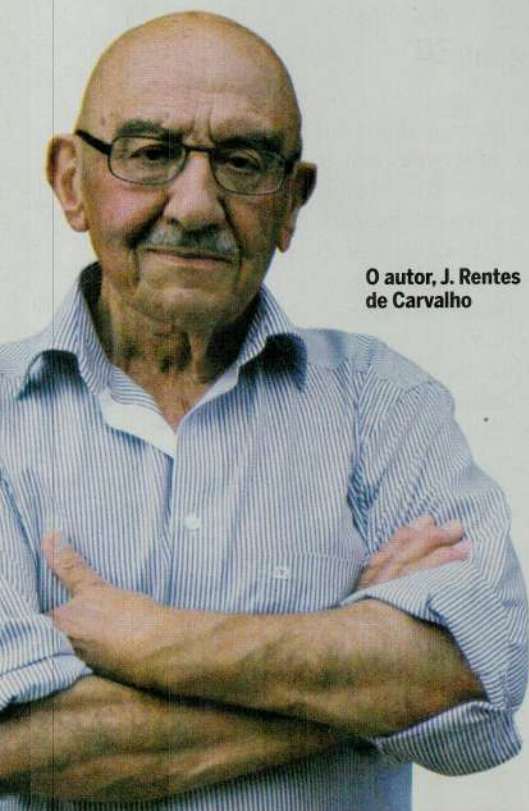
do século XX Irene Pimentel e reaja como os adversários de Colombo. A síntese das lutas contra a Ditadura Militar (1926-1933) e o Estado Novo (1933-1974) é, porém,

magistral, para não dizer prodigiosa, habitada por milhares de nomes, ações e situações, cabendo nela desde a luta dos anarcossindicalistas à dos comunistas, passando pela dos republicanos da velha guarda, dos seareiros, dos esquerdistas, dos monárquicos, dos conservadores, dos integralistas, dos maçons e, claro, dos militares. Dirá alguém que lhe falta um clarão literário que ilumine por dentro o leitor e o conduza em transe através da escuridão de meio século.

Quem o disser esquecerá porém que Literatura é uma coisa e História outra. E depois, há Histórias que valem como histórias, sem precisarem nem das cintilações da fantasia nem dos flashes do sensacionalismo. É o caso desta luta do exército das sombras ao longo da noite e do nevoeiro. ❏ LAM



HISTÓRIA DA OPOSIÇÃO À DITADURA
De Irene Flunser Pimentel
Figueirinhas
779 págs., €39,22



O autor, J. Rentes de Carvalho



Como OS *outros* nos viram

MENOS DE 12 HORAS DEPOIS de Salgueiro Maia ter saído com as suas tropas de Santarém, os parisienses já liam, a toda a largura da primeira página do diário *Le Monde*: «Entre as aclamações da multidão, um movimento das forças armadas toma o poder em Portugal.» Esta terá sido, provavelmente, a primeira notícia da imprensa diária sobre a revolução de Abril, assunto que apaixonaria os jornais internacionais durante longos meses. «À exceção do Vietname, nenhum outro acontecimento estrangeiro motivara tanta e tão longa atenção da Associated Press», explica o jornalista norte-americano Steve Broening, da referida agência noticiosa, citado na introdução de *Nas Bocas do Mundo – O 25 de Abril e o PREC na Imprensa Internacional*, um aturado trabalho de pesquisa de Joaquim Vieira e Reto Monico.

O livro traça um completíssimo quadro de como a imprensa internacional interpretou o que se passou em Portugal entre 25 de abril de 1974 e 25 de novembro de 1975. Juntando as competências de um jornalista e as de um historiador (que já escreveram juntos dois outros livros, um dos quais sobre a imprensa internacional durante a implantação da República), a dupla focou o olhar nas publicações de 20 países do Ocidente e consultou os arquivos de mais de 60 jornais e revistas, da África do Sul ao Canadá, do Brasil à Finlândia, procurando não as notícias e as reportagens, mas as análises e outros textos de opinião – cartoons incluídos – sobre os acontecimentos em Portugal durante aquele ano e meio. O resultado é um trabalho fundamental para perceber como os outros nos viram num período tão fundamental da nossa História. **CL**



NAS BOCAS DO MUNDO – O 25 de Abril e o PREC na Imprensa Internacional

De **Joaquim Vieira e Reto Monico**
Tinta da China, 343 págs., €23

A *sombra* da melancolia

É O GRANDE ROMANCE QUE IMPORTA LER, agora que nos aproximamos da comemoração dos 40 anos do 25 de Abril. Em *Os Memoráveis*, somos conduzidos, sem rede, pelo afiado fio do tempo. Recuperam-se as conquistas revolucionárias e prestam-se tributos aos protagonistas, mas permite-se igualmente a sombra da melancolia, trazida pela passagem do tempo – e pelos desencantos e aprendizagens difíceis. Ana Maria Machado, jornalista de guerra da CBS, filha de um jornalista português e de mãe belga, é convencida pelo ex-diplomata norte-americano, Frank Carlucci, a escavar os rastros da Revolução dos Cravos para um documentário intitulado *A História Acordada*. Acompanhada pela idealista Margarida Lota e pelo cínico Miguel Ângelo, a «Machadinha» socorre-se de uma fotografia especial – a de um jantar ocorrido a 21 de agosto de 1975, onde estão os Capitães de Abril, aqui disfarçados com nomes como El Campeador, Oficial de Bronze, Charlie 8... Uma demanda em que várias gerações se observam ao espelho. **V**



OS MEMORÁVEIS
De **Lídia Jorge**
D. Quixote
352 págs.,
€16,90

desde 1848
mundo **abreu**[®]
Feira de Viagens 2014

5 e 6 Abril

Fil - Lisboa (Pav. 1)
87 lojas abertas
Norte a Sul, Açores e Madeira

Até **60%**
desconto

**Entrada
Gratuita**

COMO VOUCHER
Açores
www.visitazores.com

PARTICIPANTOR
BRASIL
Sensational!
FLUMINANTUR **BRASIL**

Partidas de Lisboa e Porto até 31 out. '14

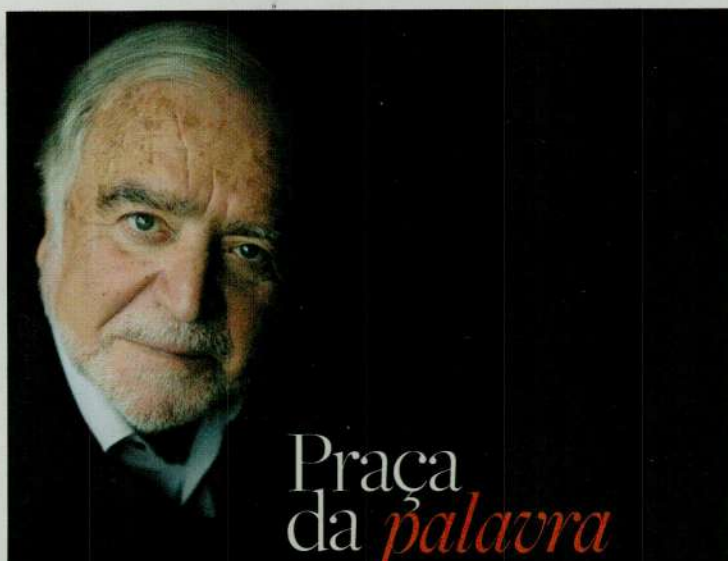
Inclui: avião + 2 noites no Hotel Comfort Inn Ponta Delgada | 3 estrelas | APA + transfers + taxas aeroporto, segurança e combustível (€ 25) + Seguro Multiaviagens

Exclui: despesas de reserva (€ 20 por processo e não por pessoa) | Taxas sujeitas a alteração | Sujeito a disponibilidade

SÃO MIGUEL

DESDE
€ **216**

POR PESSOA (P+DUPLO)




Praca da palavra

VIAJA-SE NO TEMPO à garupa destes 29 poemas sobre Portugal de ontem e de hoje, reunião da poesia lírica e interventiva de Manuel Alegre originalmente publicada nos livros *A Praça da Canção* (1964), *O Canto e as Armas* (1967) – então proibidos pela censura, mas que, lê-se no prefácio, «circularam de mão em mão em cópias manuscritas ou dactilografadas» –, e ainda nos volumes *Atlântico* (1981), *Chegar Aqui* (1984) e *Livro do Português Errante* (2001). A fechar, um poema semi-inédito dedicado a Salgueiro Maia. Há, aqui, matéria profética, poemas que «falam de Abril antes de Abril e de Maio antes de Maio». Por exemplo, os quatro versos de *Poemarma*, incluído em *O Canto e as Armas*, que parecem preconizar, sete anos antes, o primeiro comunicado da Revolução: «Que o poema seja microfone e fale / uma noite destas de repente às três e tal / para que a lua estoire e o sono estale / e a gente acorde finalmente em Portugal.» Mas também o desencanto pós-revolucionário está presente, por exemplo nas primeiras linhas de *Breve Poema da Hora Vã*, do livro *Chegar Aqui*: «Que poderei cantar-te nesta hora? / O século esgotou sua guitarra / Não há surpresas nas sílabas de Abril / Nem histórias para dizer.» Outros poemas ganham o alcance de décadas. Sem esforço, é possível ler o presente no poema publicado em 1967, *É Preciso um País*:

Não mais Alcácer-Quibir.
É preciso voltar a ter uma raiz
um chão para lavar
um chão para florir.
É preciso um país.

Não mais navios a partir
para o país da ausência.
É preciso voltar ao ponto de partida
é preciso ficar e descobrir
a pátria onde foi traída
não só a independência
mas a vida.



**PAÍS DE ABRIL -
UMA ANTOLOGIA**
Manuel Alegre
D. Quixote
96 págs., €5

História *devida*

MANUEL FERREIRA JERÓNIMO ainda é do tempo, conta ele na primeira pessoa, em que metade dos vizinhos «não sabia ler nem escrever, ou por nunca ter conseguido acabar a escola para ir ajudar os pais, ou por ter esquecido o pouco que aprendeu por completa falta de uso.» Filho de um «grande republicano» que lia o *Avante!* «de fio a pavio, na altura em que aquilo era feito com papel muito fininho para se poder esconder com facilidade», lutador «por herança de família», «galã, rufia, deputado incómodo, branco preto», o coordenador do MODERP – Movimento Democrático Reformados e Pensionistas, de 87 anos, tem muita história. É também a história do século XX português: Manel25, alcinha de guerra, viveu as lutas contra o fascismo, a criação da democracia, a fundação do Partido Socialista, a ligação a Mário Soares, as lutas sindicais, os conflitos africanos, a crise económica... Uma voz esquecida que ainda utiliza «com majestade e com gosto, o termo ‘camarada’», descreve a autora, que mantém o tom coloquial, «castiço», do seu biografado. ▣



**UM HOMEM
TEM DE LUTAR**
De Clara Pinto
Correia
Clube do Autor
260 págs.,
€14,50

Atrás dos capitães

«**O AMOR COLOCOU-AS NO PALCO DA REVOLUÇÃO** e elas desempenharam o seu papel», escreve a jornalista, romancista, e autora do revelador, *Angola Terra Prometida*. «Elas» são as mulheres dos capitães de Abril que viveram o golpe militar por dentro – dentro de casa, dentro de segredos. Algumas fecharam os olhos às reuniões clandestinas, outras passaram à máquina manifestos proibidos, outras ainda tinham amigas casadas com pides. «A revolução feita pelos homens contada pelas mulheres» resulta de um trabalho jornalístico, publicado na extinta *Grande Reportagem*, em 2004, aqui desenvolvido com minúcias factuais e fôlego narrativo. Doze vozes: Ana Coucello, Aura Costa Martins, Celeste Caeiro, Clarisse Guerra, Custódia Guerreiro, Dina Alambre de Carvalho, Gabriela Ataíde Mota, Isabel Cid Lauret, Luísa Marques Júnior, Mabelina Pinto Soares, Natércia Salgueiro Maia e Teresa Alves. Entre elas, a única jornalista que leu um dos comunicados do Movimento das Forças Armadas (Clarisse Guerra), e a rapariga que distribuiu cravos pelos soldados, essas flores que batizaram a revolução (Celeste Caeiro). ▣



**CAPITÃS
DE ABRIL**
De Ana Sofia
Fonseca
Esfera dos Livros
256 págs.,
€18

*com Cláudia Lobo e Luís Almeida Martins